



O MÉTODO MATERIALISTA HISTÓRICO E DIALÉTICO E A PRÁXIS REVOLUCIONÁRIA: CONTRIBUIÇÕES ÀS ANÁLISES DAS POLÍTICAS EDUCACIONAIS

EL MÉTODO MATERIALISTA HISTÓRICO Y DIALÉCTICO Y LA PRAXIS REVOLUCIONARIA: CONTRIBUCIONES AL ANÁLISIS DE LAS POLÍTICAS EDUCACIONALES

THE DIALECTICAL AND HISTORICAL MATERIALIST METHOD AND REVOLUTIONARY PRAXIS: CONTRIBUTIONS TO THE ANALYSIS OF EDUCATION POLICY

Regis Clemente da Costa
Universidade Estadual de Ponta Grossa - Brasil
E-mail: rclementecosta@yahoo.com.br

Eixo temático 3: Metodologias para a análise e pesquisa de Políticas Educativas

Resumo: Os estudos sobre epistemologia em suas vertentes e autores aprofunda a concepção sobre as teorias do conhecimento, bem como nos apresenta de maneira ampla tais referências sobre o tema. O conhecimento se relaciona com o poder, na medida em que o ser humano dele se apropria e é também objeto de transformação à medida em que se compreende que o conhecimento se efetiva a partir da realidade concreta, ou seja, da prática, que, para Marx é entendida como práxis, invertendo a lógica idealista de que são as ideias que explicam as práticas e a realidade. Esta forma de compreensão, reflexão e produção se justifica por uma questão de ação que nos oferece condições para conhecer e aplicar o Método Materialista Histórico e Dialético também chamado de Método de Marx, que, com o rigor que lhe é intrínseco, contribui para a análise das políticas educacionais, tendo como horizonte a transformação da realidade, a partir da superação da sociedade burguesa e do modo de produção capitalista, por meio da práxis revolucionária. Esta construção teórica vai além de meramente uma junção de conceitos, definições e afirmação de autores ou como cumprimento de uma exigência acadêmica da teoria do conhecimento. Ela é primeiramente práxis, pois, as ideias se originam, se constituem e adquirem sentido a partir da práxis material. Portanto, o Método de Marx, pode contribuir com as análises das políticas educacionais, investigando as possibilidades e limites para que efetivamente aconteça a emancipação humana.

Palavras-chave: Conhecimento. Método. Práxis. Transformação. Emancipação humana.

Resumen: Los estudios sobre epistemología en sus vertientes y autores ahonda la concepción sobre las teorías del conocimiento, así como se nos presenta de manera amplia tales referencias sobre el tema. El conocimiento se relaciona con el poder, en la medida en que el ser humano se apropia de él y es también objeto de transformación en la medida en que se comprende que el conocimiento se hace efectivo a partir de la realidad concreta, o sea, de la práctica, que, para Marx es entendida como praxis, invirtiendo la lógica idealista en la cual las ideas son las que



explican las prácticas y la realidad. Esta forma de comprensión, reflexión y producción es justificada por una cuestión de acción que nos ofrece condiciones para conocer y aplicar el Método Materialista Histórico y dialéctico también llamado como el Método de Marx, que, con el rigor que le es intrínseco, contribuye para el análisis de las políticas educacionales, teniendo como horizonte la transformación de la realidad, a partir de la superación de la sociedad burguesa y del modelo de producción capitalista, por medio de la praxis revolucionaria. Esta construcción teórica va más allá de una simple unión de conceptos, definiciones y afirmaciones de autores o como cumplimiento de un requisito académico de la teoría del conocimiento. Primeramente ella es praxis, pues, de ellas las ideas se originan, constituyen y adquieren significado a partir de la praxis de material. Sin embargo, el método de Marx, puede contribuir con el análisis de las políticas educacionales, investigando las posibilidades y límites para que realmente se logre la emancipación humana.

Palabras clave: Conocimiento. Método. Praxis. Transformación. Emancipación humana.

Abstract: Studies on epistemology in their perspectives and authors deepens the conception of theories of knowledge and presents broadly such references on the subject. The knowledge relates to power, to the extent that the human being appropriates it and is also subject to change as we can understand that knowledge is effective from the concrete reality, in other words, the practice, which, for Marx is understood as praxis, reversing the idealist logic that ideas that explain the practice and reality. This form of comprehension, reflection and production is justified for the sake of action that provides the conditions for knowing and applying Method Historical and Dialectical Materialism also called Marx Method, which, with the rigor that intrinsic to it, contributes to the analysis of education policy at the horizon of the transformation of reality from the overcoming of the bourgeois society and the capitalist production mode, through revolutionary praxis. This theoretical construction goes beyond merely an amalgamation of concepts, definitions and assertion authors or as fulfilling an academic requirement of the theory of knowledge. It is primarily praxis, then, the ideas originate, constitute and acquire meaning from the material praxis. Therefore, the Marx Method, can contribute to the analysis of educational policies, investigating the possibilities and limits that effectively happens to human emancipation.

Keywords: knowledge. Method. Praxis. Transformation. Human emancipation.

O Jovem Marx: do idealismo da esquerda Hegeliana ao materialismo dialético

Ao propormos as contribuições do método de Marx à análise das políticas educacionais, na perspectiva da emancipação humana, consideramos fundamental a compreensão histórica de sua vida, mesmo que de forma breve, pois, para se trabalhar com o rigor na pesquisa, há que se definir as posições e intenções presentes em tais políticas e o método para analisá-las.



Karl Marx, filósofo alemão e grande pensador do século XIX, formou-se em direito na Universidade de Bonn e em filosofia na Universidade de Berlin, nesta universidade dedicou-se a produção filosófica, inicialmente ao hegelismo.

Em sua vida, atuou na militância política e na produção de diversas obras com análises críticas sobre a sociedade burguesa e o modo de produção capitalista, em vista à revolução proletária. Faleceu no ano de 1883, em Londres. Em seu funeral, Engels, faz uma leitura de sua obra, a ponto de projetar sua fecundidade às gerações futuras. “*Seu nome atravessará os séculos, bem como sua obra!*”.

Em sua homenagem, na cidade de Londres, foi construído um monumento que destaca um de seus célebres pensamentos, que fundamenta a compreensão do seu método: “Os filósofos apenas interpretaram o mundo de diferentes maneiras; o que importa é transformá-lo”. (MARX e ENGELS, 2009, p. 122).

Influenciado por Hegel, Marx era herdeiro da chamada esquerda Hegeliana, como afirma Marçal (2009, p. 464) “os jovens intelectuais da esquerda hegeliana, dentre os quais figurava Marx, reconheciam um princípio revolucionário na matriz historicista do pensamento político de Hegel”. Esta atuação de Marx o ajudará a perceber os limites do pensamento idealista de Hegel e diante da desilusão e a perseguição do governo prussiano, a também perceber que “a emancipação humana não poderia se realizar por meio do Estado”. (MARÇAL, 2009, p. 465).

Os limites do Hegelianismo levou Marx a romper com essa perspectiva, uma vez que buscava a emancipação humana e também, porque, segundo Netto (2011, p. 11) “Marx nunca foi um obediente servidor da ordem burguesa: foi um pensador que colocou, na sua vida e na sua obra, a pesquisa da verdade a serviço dos trabalhadores e da revolução socialista”.

Fundamentou em longos anos de estudos as análises concretas da sociedade burguesa e do modo de produção capitalista, Netto, (2011, p. 17), “de fato, pode-se circunscrever como o *problema central* da pesquisa marxiana a gênese, a consolidação, o desenvolvimento e as condições de crise da sociedade burguesa, fundada no modo de produção capitalista”.



Estas afirmações a respeito da vida e obra de Marx, seja pelo próprio Marx ou por aqueles que estudam suas obras e acreditam em seu método como fonte de compreensão e transformação da sociedade, nos possibilitam o conhecimento aprofundado das relações no modo de produção capitalista e de manutenção da estrutura dominante, bem como da exploração da classe trabalhadora, sem que se encontre, de maneira simples a saída para a quebra de tal estrutura, uma vez que

Para Marx, a sociedade burguesa é uma *totalidade concreta*. Não é um 'todo' constituído por 'partes' funcionalmente integradas. Antes, é uma totalidade concreta, inclusiva e macroscópica, de máxima complexidade, constituída por totalidades de menor complexidade. Nenhuma dessas totalidades é 'simples' – o que as distingue é o seu grau de complexidade (é a partir desta verificação que, para retomar livremente uma expressão lukacsiana, a realidade da sociedade burguesa pode ser apreendida como um *complexo constituídos por complexos*). (NETTO, 2009, p. 56).

A complexidade da sociedade burguesa e do modo de produção capitalista foram exaustivamente analisados por Marx. Neste sentido, apresentou suas contradições e o caminho possível para se findar a exploração do homem pelo homem.

Esta contextualização da vida de Marx se justifica, pois, ao perceber os limites do hegelianismo e romper com essa corrente do pensamento, passa a trabalhar na elaboração de seu método em vista à emancipação humana, ou seja, de um método que efetivamente transforme a sociedade.

Neste sentido, ao propormos a construção deste texto, buscando apresentar as contribuições do método de Marx às análises das políticas educacionais, evidenciamos que, na perspectiva da transformação social, este método é capaz de responder à complexidade da sociedade burguesa e do modo de produção capitalista. Os demais métodos, como aponta Frigotto orientam a investigação de forma linear, a-histórica, lógica e harmônica, “cada uma, a seu modo, estabelece representações sobre a realidade. Essas representações, [...] não atingem as leis de organização, desenvolvimento e transformação dos fatos sociais.” (1987, p. 74).



Ainda como justificativa às contribuições do método de Marx às análises das políticas educacionais, o mesmo autor destaca que faz-se necessário romper com o modo de pensar dominante ou com a ideologia dominante para se instaurar um método dialético de investigação.

O idealismo, o materialismo e o materialismo histórico

Como citado anteriormente, Marx apresenta um salto histórico em relação ao idealismo de Hegel. Neste sentido, torna-se relevante o aprofundamento do conceito de idealismo, bem como sua diferenciação em relação ao materialismo, para então definirmos o materialismo histórico e dialético formulado por Marx, para melhor compreendermos as contribuições às análises das políticas educacionais.

A definição dos conceitos do método de Marx, estão fundamentadas em Politzer (1957). Este autor considera importante a distinção entre o idealismo moral e o idealismo filosófico, definindo que “o idealismo moral consiste na devoção a uma causa, a um ideal. A história do movimento operário internacional nos mostra inúmeros revolucionários, marxistas, dedicados a um ideal moral até ao sacrifício da própria vida [...]”. (1957, p. 35).

O idealismo filosófico é considerado como “uma doutrina que tem por base a explicação do mundo pelo espírito [...]. E admitindo a importância primeira do pensamento, o idealismo afirma que é o pensamento que produz o ser, ou melhor, ‘é o espírito que produz a matéria’”. As religiões foram as primeiras formas de manifestação do idealismo.

A definição dada por Politzer ao idealismo filosófico está fundamentada na definição de espírito ou pensamento, que segundo ele “é a ideia que fazemos das coisas. Algumas dessas ideias vêm-nos geralmente das sensações e correspondem a objetos materiais; outras ideias como as de Deus, da filosofia, do infinito, do próprio pensamento, não correspondem a objetos materiais”. (1957, p. 29).

O idealismo, portanto, se difere do materialismo, pois, “a *matéria*, ou o ser, é o que nossas sensações e as nossas percepções nos mostram e nos



apresentam; é, de uma maneira geral, tudo quanto nos rodeia, aquilo que se chama o ‘mundo exterior’”. (POLITZER, 1957, p. 30).

Portanto, os que acreditam que o espírito criou a matéria estão no campo do idealismo e os que procuravam uma explicação científica e acreditavam que a matéria era o elemento principal, pertenciam às diferentes escolas do materialismo, segundo Politzer (1957).

A partir destas definições, podemos perceber as diferenças na compreensão do mundo, e, como já citado, para o materialismo, as respostas serão obtidas a partir da matéria e esta, por sua vez, cria o espírito e lhe confere significado.

Historicamente, quem primeiro tentou dar uma explicação materialista ao mundo foi Demócrito, filósofo da antiguidade que relacionava a formação do corpo composta por átomos. (POLITZER, 1957, p. 74) Neste sentido, o materialismo é a concepção filosófica que trata o ser, a realidade material, como o elemento que determina o nosso pensamento, as nossas ideias e a nossa vida.

Tendo definido o que é o idealismo e o materialismo, vamos agora à definição do materialismo histórico e por fim o materialismo histórico e dialético, que fundamenta o objetivo deste trabalho.

Politzer afirma a existência de dois períodos da história do materialismo, sendo o “1º - o da origem (antiguidade grega) até Marx e Engels; e, 2º - do materialismo de Marx e de Engels até nossos dias [...] Chamaremos ao primeiro período de ‘materialista pré-marxista’; ao segundo, o de ‘materialismo marxista’ ou ‘materialismo dialético’”. (1957, p. 91).

Para definirmos o materialismo histórico, levamos em consideração a afirmação de Politzer de que “ a *História* é feita da ação dos homens impulsionados pela sua vontade, sendo esta a expressão das suas *ideias* vindo elas próprias de seu cérebro”. (1957, p. 205) Porém, acrescenta, que não basta ter cérebro “o cérebro é portanto uma *condição necessária* para se poder pensar, mas não uma *condição suficiente*. O cérebro explica que se tenham essas ideias mas não explica que se tenham essas ideias em lugar de outras”. (POLITZER, 1957, p. 206).



Em “Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico”, Engels, afirma que

A concepção materialista da história parte da tese de que a produção, e com ela a troca dos produtos, é a base de toda a ordem social; de que em todas as sociedades que desfilam pela história, a distribuição dos produtos, e juntamente com ela a divisão social dos homens em classes ou camadas, é determinada pelo que a sociedade produz e como produz o pelo modo de trocar os seus produtos. (1999, p. 95).

Em relação à história e conseqüentemente ao materialismo histórico, Marx e Engels, afirmam que “não é a consciência que determina a vida, é a vida que determina a consciência”. (2009, p. 32) Trata-se aqui, portanto, de uma definição que envolve seres concretos e com memória ou consciência histórica, que na definição de Marx e Engels “a consciência nunca pode ser outra coisa senão o ser consciente, e o ser dos homens é o seu processo real de vida”. (2009, p. 31).

A produção dos meios de subsistência são premissas da concepção materialista da história, apresentando os indivíduos reais e sua condição histórica na produção, além da consciência e da religião. “Ao produzirem os seus meios de subsistência, os homens produzem indiretamente a sua própria vida material”. (MARX e ENGELS, 2009, p. 24) A produção, neste sentido é fator de identidade do ser humano, pois o que produzem e como produzem implica naquilo que são.

Nesta perspectiva, Marx e Engels trazem a definição da consciência e o ser como sendo os mesmos, incluindo também o ser e o processo real da vida. Definição que se relaciona com a afirmação em relação à matéria e a diferenciação do espírito e, conseqüentemente, do idealismo. São os seres reais que estão inseridos na história da humanidade.

Para Marx as relações humanas se dão no plano concreto da vida e, portanto, é a vida que determina a consciência, pois, a existência real dos seres determina o pensamento que se tem sobre a realidade, realidade esta também construída por seres concretos, reais. Nisso também se justifica o fato de que é a matéria que cria o espírito e não o contrário como defendem os idealistas.



Portanto, estes elementos que constituem a fundamentação dada por Marx, são importantes para que, na pesquisa das políticas educacionais, se considere aquilo que realmente implica no conhecimento da realidade e na análise, reflexão e problematização do que há de concreto em tais pesquisas e, a que e a quem se destinam as políticas educacionais, quiçá, também, à transformação da sociedade burguesa e do modo de produção capitalista.

A Dialética e a metafísica

Diante da definição do idealismo, materialismo e materialismo histórico, faz-se necessário a definição da dialética, pois, para o método marxista, é a dialética que irá completar o materialismo histórico, uma vez que analisa os contrários, e etimologicamente significa a arte de discutir.

O Filósofo Heráclito é considerado o pai da dialética, “foi o primeiro a dar-nos uma concepção dialética do mundo, ou seja, a descrever o mundo em movimento não fixo”. (POLITZER, 1957, p. 145).

Engels, *in* Politzer, afirma que

Quando pensamos na história da humanidade, ou na nossa própria atividade mental, o que primeiramente se nos oferece é um quadro de uma confusão infinita de relações e ações e reações, onde nada se conserva o que era, onde estava, como estava, onde tudo se move, se transforma, aparece e desaparece. (1957, p. 143).

A dialética pressupõe movimento, mudança, transformação e neste sentido que a história também nos demonstra que as coisas não permanecem como estão. “Em momento algum esteve a sociedade imóvel. Primeiramente houve, na antiguidade, a sociedade escravista; a ela se sucedeu a sociedade feudal, depois a sociedade capitalista”. (POLITZER, 1957, p. 144).

Engels também afirmava que mesmo quando temos a sensação de sempre sermos os mesmos, ainda assim, somos diferentes “os mesmos são diferentes” (ENGELS *in* POLITZER, 1957, p. 144) Neste sentido, confirma-se a dialética em relação a história da sociedade, uma vez que não permanece estática.



Oposta a dialética, a metafísica também constitui um método e é parte importante da filosofia, porém, somente para a filosofia burguesa, como afirma Politzer, “pois se ocupa de Deus e da alma. Nela, tudo é eterno. [...] tudo fica definido, definitivo e eterno. [...] considera-se as coisas como fixas, e raciocina-se por oposição: opõe-se espírito à matéria, o bem ao mal, [...]”. (1957, p. 135)

A metafísica surgiu na Grécia antiga e Parmênides de Eléia é considerado um dos fundadores. Para ele, somente através do pensamento é que o homem seria capaz de compreender a verdade e a essência do mundo. Tal essência deveria ser sempre idêntica a si mesma, imutável, eterna e, ao mesmo tempo, invisível e imperceptível aos nossos sentidos. A palavra significa, para além da física e os discípulos de Aristóteles, após a sua morte, catalogaram seus escritos intitulando-os *Física*, posteriormente, encontram outros escritos que tratavam de coisas do espírito e os classificaram então de *depois da física*, que em grego significa *Metafísica*. (POLITZER, p. 135).

A metafísica se opõe à dialética, pois para a dialética as coisas são mutáveis, se transformam e para a metafísica, esta relação não existe e tudo no mundo é entendido como fixo, sem possibilidades de mudanças ou qualquer transformação, portanto, “ao materialismo metafísico opomos o materialismo dialético”. (POLITZER, 1957, p. 115) Para Engels *in* Politzer, a concepção metafísica considera ‘o universo como um conjunto de coisas congeladas’. (1957, p. 127).

A metafísica é também um método, “a metafísica, a filosofia inteira, se resume, segundo Hegel, no método”, (MARX, 2009, p. 120) dizia Marx no livro *A miséria da filosofia*, em resposta à *Filosofia da miséria*, do Sr. Proudhon, e “assinala tanto a diferenciação político-ideológica, crucial e qualitativa, entre duas perspectivas socialistas – a reformista e a revolucionária -, quanto simultaneamente, o embasamento da teoria social moderna”. (NETTO, *in* MARX, 2011, p. 11).

O método metafísico ao considerar o universo, o homem, e a natureza de uma maneira particular, estuda isoladamente os caso e acontecimentos, definindo negação de uma coisa em detrimento a outra, como afirma Engels *in* Politzer,



Para o metafísico, as coisas e suas representações no pensamento, os conceitos, são objetos de estudos isolados, considerando um depois do outro e um sem o outro, fixos, rígidos, uma vez por todas. Não pensa senão em antítese sem intermediários. Diz: sim, sim, não, não, e tudo o que for a mais é um mal. Para ele, de duas coisas uma: um objeto existe ou não existe; uma coisa não pode ao mesmo tempo sem uma e outra; o positivo e o negativo se excluem absolutamente; causa e efeito opõem-se igualmente em antítese rígida. (1957, p. 127).

Esta concepção é também questionada por Engels, como já citado, de que os mesmos são diferentes, mudam, se transformam, não permanecem fixos, imutáveis.

Politzer apresenta três concepções metafísicas, sendo: a concepção metafísica da natureza, “que considera a natureza como um conjunto de coisas definitivamente fixas” (1957, p. 127); a concepção metafísica da sociedade, “que pretende que nada mude na sociedade, mas geralmente não quer que seja assim, reconhece que produzem modificações, como nas indústrias ou na política, onde governos se sucedem, porém, consideram o regime capitalista como definitivo, eterno” (POLITZER, 1957, p. 129); e concepção metafísica do pensamento

julgamos o pensamento humano eterno. Julgamos que, se as coisas se modificaram, a nossa maneira de raciocinar permanece igual a do homem de há um século. [...] Daqui resulta que tal maneira de ver, tal maneira de pensar metafisicamente não consiste apenas numa concepção do mundo, mas também numa maneira de proceder para pensar. (POLITZER, 1957, p. 130-131).

Na construção do método, Marx leva em consideração todas estas concepções, tanto teóricas quanto práticas, pois estavam presentes no pensamento hegeliano que ele inicialmente esteve vinculado. Após esta conceituação, abre-nos caminho para análise mais aprofundada do método de Marx e as contribuições às análises das políticas educacionais, como proposto.

O Método de Marx

Apresentada a definição do materialismo histórico e dialético e as diferenciações em relação ao idealismo e à metafísica, pretendemos agora



apresentar de maneira mais concreta em que consiste o método materialista histórico e dialético, mesmo que, em alguns pontos isso já tenha possivelmente ocorrido, uma vez que esta construção não pretendia analisar tais conceitos isoladamente e sim significá-los dialeticamente.

A dedicação de Marx à elaboração do método envolve profundo conhecimento da estrutura e do funcionamento da sociedade burguesa e do modo de produção capitalista. Segundo Netto (2009) o método de Marx não resulta de descobertas abruptas ou de intuições geniais e sim de aproximadamente 15 anos de investigação.

A análise da sociedade burguesa permitiu a Marx afirmar sua complexidade, e compreender a gênese, a consolidação, o desenvolvimento, bem como, as condições de crise desta sociedade fundada no modo de produção capitalista, porém, para isso necessitou de aprofundamento teórico e pesquisa rigorosa, possíveis por meio do método por ele criado.

As definições dos conceitos elencadas anteriormente colaboram para diferenciarmos os demais métodos, entre eles o de Hegel e o de Marx, que deu passos importantes para sua elaboração e inverteu a lógica, até então praticada, e, aperfeiçoou aqueles métodos que em parte analisaram o mundo do ponto de vista materialista ou dialético.

Entre as definições do Método de Marx, Lessa e Tonet apresentam o contexto da sociedade capitalista após a Revolução Industrial (1776-1830) e a Revolução Francesa (1789-1815). Neste contexto de contrariar a tese materialista dos iluministas pela Revolução Industrial e de deixar claro como as ideias dos homens se articulam para compor a história no caso da Revolução Francesa, Marx elabora uma nova concepção histórica, superando o idealismo e o materialismo do seu tempo. “Para Marx, o mundo não é nem pura ideia nem é só matéria, mas sim uma síntese de ideia e matéria que apenas poderia existir a partir da transformação da realidade (portanto material) conforme um projeto previamente ideado na consciência (portanto, possui um momento ideal)”. (LESSA; TONET, 2011, p. 40).

Ainda segundo Lessa e Tonet (2011, p. 42) “o materialismo histórico-dialético concebe o mundo dos homens como a síntese de prévia-ideação e



matéria natural. Nem apenas ideia, nem só de matéria, mas uma síntese entre as duas, tipicamente realizada, no e pelo trabalho, que origina uma nova forma de ser: o mundo dos homens".

Portanto, evidencia-se o rompimento de Marx com as definições idealistas e metafísicas e também com a dialética e o materialismo tidos separadamente. Para Marx o rompimento é uma realidade e a junção dos conceitos da dialética, do materialismo são um grande avanço, acrescido ainda da concepção histórica da humanidade.

Cabe também destacar alguns pontos específicos do método de Marx, como por exemplo, a delimitação clara do objeto de investigação, que segundo Netto é a “*produção material*, que só pode ser produção de ‘indivíduos produzindo em sociedade’.” (2011, p. 37). E para isso, Marx considera ‘cientificamente exato’, o sentido de ‘abstração’ e ‘abstrato’.

A abstração é a capacidade intelectual que permite extrair se sua contextualidade determinada (de uma totalidade) um elemento, isolá-lo, examiná-lo; é um procedimento intelectual sem o qual a análise é inviável, - aliás, no domínio do estudo da sociedade, o próprio Marx insistiu com força em que a abstração é um recurso indispensável para o pesquisador. (NETTO, 2011, p. 44).

Marx, ao definir o objeto, põe-se a conhecê-lo e esta é a questão do método. Como fundamentação, Netto cita o próprio Marx, apresentando a forma como ele analisa uma determinada sociedade, um país, do ponto de vista da Economia Política, começando pela sua população, divisão de classes, as cidades, o campo. Nesta citação Marx apresenta os riscos de se iniciar o estudo pela população e analisá-la sem considerar as classes que a compõe e dentro das classes o trabalho assalariado, o capital e conseqüentemente a divisão do trabalho. Neste sentido, “Marx distingue claramente o que é da ordem da realidade, do objeto, do que é da ordem do pensamento (o conhecimento operado pelo sujeito): começa-se ‘pelo real e pelo concreto’.”.(NETTO, 2011, p. 42).

Para tanto, Marx prossegue em sua explicação do método, afirmando que não basta se chegar ao resultado analítico e sim realizar a ‘viagem de volta’, sendo definida como o método adequado para a elaboração teórica.



(Netto, 2011) “O último método é manifestamente o método cientificamente exato. O concreto é concreto porque é síntese de muitas determinações, isto é, unidade do diverso”. (MARX, *in* NETTO, 2011, p. 43).

Ao falar especificamente do método de Marx e justificar os motivos de não apresentar um conjunto de regras para orientar a pesquisa e também de não colocar a disposição definições, alega que

para Marx o método não é um conjunto de regras formais que se ‘aplicam’ a um objeto que foi recortado para uma investigação determinada nem, menos ainda, um conjunto de regras que o sujeito que pesquisa escolhe, conforme a sua vontade para ‘enquadrar’ o seu objeto de investigação. (NETTO, 2011, p. 52).

Esta definição sobre o método também ajuda a compreensão de como os métodos positivistas, por exemplo, definem suas pesquisas, afirmando a suposta neutralidade, tendo como foco de análise apenas as partes que interessam e, em muitos casos justificando o sistema capitalista, burguês ou mesmo não se contrapondo, analisando, portanto as consequências, sem buscar as causas de muitos problemas pesquisados, tão pouco as possibilidades de transformação do que foi constatado.

Neste contexto, Netto cita Lenin em referência à Marx, dizendo que

Marx não nos entregou uma lógica, deu-nos a lógica d’O capital. Isto quer dizer que Marx não nos apresentou o que ‘pensava’ sobre o capital, [...] ele (nos) descobriu a estrutura e a dinâmica *reais* do capital; não lhe ‘atribuiu’ ou ‘imputou’ uma lógica: extraiu da efetividade do movimento do capital a *sua* (própria, imanente) lógica – numa palavra, deu-nos a teoria do capital [...]. (2011, p. 52-53).

A afirmação de Lenin citada por Netto, referencia ao fato de que a lógica buscada por Marx era a de explicar a sociedade burguesa e o modo de produção capitalista e não de buscar na lógica seu sentido filosófico como a arte de bem pensar.

O método marxista, portanto, o materialismo histórico e dialético, para se efetivar, requer sujeitos concretos em sua ação. Neste contexto encontramos em Marx e Engels, nas *Teses sobre Feuerbach*, a relação feita sobre a questão da prática e sua importância para a revolução. Uma importante referência se dá na Tese 2:



A questão de saber se o pensamento humano cabe alguma verdade objetiva não é uma questão da teoria, mas uma questão *prática*. É na prática que o homem tem de provar a verdade, isto é, a realidade e o poder, a natureza criterior (sic) de seu pensamento. A disputa acerca da realidade ou não realidade do pensamento – que é isolado – é uma questão puramente escolástica. (MARX e ENGELS, 2009, p. 119-120).

Outra referência, encontramos na Tese 3, em que Marx fala na prática revolucionária “a coincidência entre a altera[ção] (sic) das circunstâncias e a atividade ou automodificação humanas só pode se apreendida e racionalmente entendida como *prática revolucionária*”. (MARX; ENGELS, 2009, p. 120).

Encontramos ainda referências na Tese 5 onde afirma que Feuerbach “não compreende o sensível como atividade *prática*, humano sensível”, na Tese 8, em que afirma que “toda vida social é essencialmente *prática*”. e na Tese 9, a qual Marx cita a relação entre o materialismo contemplativo e a contemplação dos indivíduos singulares e da sociedade burguesa, segundo ele, é “o materialismo que não concebe o sensível como atividade prática”. (MARX e ENGELS, 2009, p. 120 e 121) Em outra tradução, este mesmo conceito de prática é definido como práxis, como o caso da Editora Martins Fontes, ano de 2001.

Completando as Teses sobre Feuerbach, a número 11, já citada anteriormente, relaciona o pensamento filosófico que já interpretou o mundo de diferentes maneiras, porém segundo Marx e Engels, o que realmente importa é transformá-lo. Neste sentido, Vazquez (2011, p. 237) afirma que

A filosofia marxista, sendo necessariamente uma interpretação científica do mundo, corresponde às necessidades práticas humanas; expressa, por sua vez, uma prática existente e, por outro lado, aspira conscientemente a ser guia de uma práxis revolucionária. [...] o fato de conceber-se a si mesma em função da práxis, isto é, integrando assim a práxis revolucionária como fim da teoria. A teoria em si – nesse, como em qualquer outro caso – não transforma o mundo. Pode contribuir para sua transformação, mas para isso tem de sair de si mesma [...].

Portanto, para o método materialista histórico e dialético, a práxis é inerente ao processo. Esta também foi uma das críticas feitas por Marx a outros pensadores de sua época que se definiam materialistas, porém um



materialismo desvinculado da prática, e, este diferencial marxista, é o que compõe o método em sua completude e coerência. “Em suma, a práxis se apresenta como uma atividade material transformadora e adequada a fins. Fora dela, fica a atividade teórica que não se materializa, na medida em que é atividade espiritual pura”. (VAZQUEZ, 2011, p. 239).

Marx inaugura um novo método: um método revolucionário que, a partir da práxis, confere novo sentido à ação do homem na luta pela transformação da sociedade, concretizada na luta dos trabalhadores. Tal análise é melhor fundamentada em (MARTINS, 2008), que define o método de Marx como “*uma filosofia da transformação*”.

Este contexto é apresentado por Marx e Engels, em *A Ideologia Alemã*,

Ao contrário da visão idealista da história, não tem de procurar em todos os períodos uma categoria, pois permanece constantemente no solo histórico; não se explica a práxis a partir da ideia, explica as formações das ideias a partir da práxis material e chega em consequência disso ao resultado de que todas as formas e produtos da consciência podem ser resolvidos não pela crítica espiritual, pela dissolução da “Consciência de Si” ou pela transformação em ‘fantasmas, ‘espectros’, visões etc, mas pela subversão prática das relações sociais reais que derivam essas fantasias idealistas – a força motora da história, também da religião, da filosofia e de toda as demais teorias, não é a crítica, mas sim a revolução. (2009, p. 58).

É evidente que, para Marx, a teoria é parte de um processo mais amplo de atuação que não se finda em si mesma, mais está embebida de uma prática (práxis) e, mesmo assim, faz o caminho de volta à teoria, não como fechamento de um ciclo ou de um círculo, mas num processo similar a um espiral, em que se vai e vem, se aproxima, reaproxima, se age e se revê a ação. Como visto, a sociedade burguesa e o modo de produção capitalista não são de simples compreensão e nem tampouco estanque, como afirma Mézáros, em sua obra “Para Além do Capital”, destacando que o capital vive um processo de sociometabolismo. Portanto, entendê-lo não é tarefa fácil e superá-lo é ainda mais exigente e urgente.

Enfim, o método de Marx nos remete também a uma de suas afirmações juntamente com Engels, de que a “a história de todas as sociedades que existiram até hoje é a história de lutas de classes”. (2002, p. 45). A luta da



classe trabalhadora é o que há de mais concreto em relação à práxis dos proletários, para superar a exploração da sociedade burguesa e da exploração do homem contra o próprio homem. Esta luta, como práxis, segundo Marx é o que levará o homem a viver em uma sociedade humanamente emancipada.

Contribuições do método de Marx às análises das políticas educacionais

No que diz respeito às pesquisas sobre as políticas educacionais, a partir das contribuições de análise do Método Materialista Histórico e dialético, elas só terão significado se efetivamente estiverem comprometidas com a crítica à produção academicista que visa, única e exclusivamente o cumprimento de regras e exigências do ponto de vista da academia, apegadas ao positivismo, à metafísica e a pseudoneutralidade.

Obviamente que a academia tem seu rigor, suas regras e suas exigências, porém, esses requisitos o Método de Marx também o tem, porém o que diferencia o Materialismo histórico e dialético dos demais métodos é a sua concepção como intrinsecamente prático e transformador.

Neste sentido, Frigotto assinala que o método está vinculado a uma concepção de realidade, de mundo e de vida no seu conjunto e que, portanto, a “questão da postura, neste sentido, antecede o método. Este constitui-se numa espécie de mediação no processo de apreender, revelar e expôr a estruturação, o desenvolvimento e transformação dos fenômenos sociais.” (1987, p. 77).

Há que se destacar a afirmação de Frigotto, pois, como, de fato, o método de Marx tem na práxis sua grande fundamentação, que inclusive antecede a teoria e a sustenta, num movimento dinâmico. A forma de ser, pensar e agir no mundo, esta diretamente ligada ao direcionamento da investigação que se propõe, respondendo a questão sobre qual é a concepção que temos da realidade social.

Em recente palestra na Universidade Estadual de Ponta Grossa, no seminário temático “Método científico na perspectiva histórico-cultural”, o



Professor e Doutor da Universidade de Havana, Guillermo Arias Beatón¹, afirmara que “a academia não pode cair na esterilidade, ou seja, que a academia esteja engajada nas questões pertinentes à realidade concreta em que se encontram os povos as quais ela está inserida, e que, portanto a práxis há que ser constante no meio acadêmico”. (Informação verbal)

As reflexões e problematizações apresentadas por Beatón, se relacionam ao conhecimento que é produzido nas Academias, a que, e a quem, tais conhecimentos se destinam e, com qual finalidade eles são produzidos: atender às necessidades do sistema capitalista e às demandas do mercado ou às necessidades da classe trabalhadora?

Em Martins (2008), encontramos contribuições referentes a estas questões, como já apresentado ao longo deste trabalho, de que a matéria existe independentemente da consciência ou do pensamento do sujeito sobre ela. O autor apresenta também a necessidade de considerar a práxis como ação teórico-prática que transforma o sujeito e o objeto, articulado por relação de reciprocidade.

Neste sentido, cabe destacar que o método de Marx não se apresenta como um código a ser decifrado e seguido a fim de se alcançar os resultados técnicos, diretos e mecânicos como os métodos positivistas, por exemplo, que apresentam como princípio a neutralidade. Segundo, Martins, ao marxismo originário “não há qualquer dúvida em relação à neutralidade do conhecimento, uma vez que ele também é afetado pelas relações sociais.” (2008, p. 41).

Entre os critérios e o rigor para se alcançar o conhecimento de forma que ele possa desvelar a realidade, na perspectiva de Marx, três passos são fundamentais, segundo Martins:

- a) A tomada de consciência das partes da totalidade a ser conhecida, abstraindo-se o todo;
- b) O conhecimento detalhado dessas partes pelo processo de análise;

¹ Palestra proferida no dia 09/06/2014, na Universidade Estadual de Ponta Grossa, no Seminário Temático “Método científico na perspectiva histórico-cultural”. Palestrantes: Prof. Dr. Guillermo Arias Beatón – Universidade de Havana e Prof^a Dra. Laura Marisa Carnielo Calejon – UNICSUL. Auditório do CIPP – Campus de Uvaranas.



- c) A superação da visão analítica, buscando conhecer a mediação que se estabelece entre as parte, das partes com o todo e deste com as partes, de tal maneira que seja capaz de produzir da realidade um síntese, que reproduz no pensamento o concreto, o real com todos os seus movimentos, suas determinações e ricas significações, tornando-se um concreto pensado. (2008, p. 132).

Obviamente que estes três passos podem ser aplicados às análises das políticas educacionais, uma vez que neste caso, estas políticas serão o objeto da pesquisa ou da investigação e portanto, assim como apresentado, a partir desse caminho, se alcançará o conhecimento e este, desvelará a realidade.

Ao longo deste trabalho nos empenhamos em discutir as contribuições do método de Marx às pesquisas sobre políticas educacionais que resultem, por sua vez, em contribuições à superação da sociedade burguesa e do modo de produção capitalista. Sendo o materialismo histórico e dialético um método que considera a práxis como fator elementar em seu desenvolvimento, as contribuições são também, no sentido, de que tais análises tenham como objeto de investigação a relevância destas pesquisas na transformação da sociedade.

Ao apresentarmos as contribuições do método de Marx nesta perspectiva, consideramos também importante destacarmos que os demais métodos obterão sucesso em sua proposta de análise, seja qual for o problema. Certamente com o devido rigor científico, apresentarão dados relevantes à interpretação das políticas educacionais, ou ainda, chegarão até mesmo a propor alternativas a algum dos possíveis problemas analisados ou investigados.

A questão central, porém, é que estes métodos apresentarão o limite da ação transformadora, uma vez que esta não é sua preocupação, tão pouco seu objetivo. Se considerarmos a afirmação de Politzer (1958) alguns métodos estão até mesmo a serviço da sociedade burguesa e suas produções a serviço da produção capitalista.

Enquanto a estes métodos à ação transformadora da sociedade são apresentados como limite, ao Materialismo histórico e dialético este requisito vem como objetivo central e dele emanam os demais objetivos e ações no



campo da pesquisa e da investigação. Cumpridos estes objetivos, tanto as pesquisas educacionais, como a academia e os acadêmicos que as desenvolvem, virão o desaparecimento do peso da esterilidade problematizada por Beatón.

Considerações finais

O método materialista histórico e dialético se apresenta com o devido rigor e coerência perante a análise das políticas educacionais, sendo, desde a sua formulação o caminho para a superação do modo de produção capitalista e da sociedade burguesa, tidos por Marx como o objeto central de análise.

A dedicação de longas décadas a essa tarefa, fez com que Marx chegasse à desvelar a perversidade do sistema capitalista e suas formas de ação e atuação, por meio da exploração do trabalho e manutenção da propriedade privada, além do domínio dos meios de produção.

Além de desnudar a burguesia e sua atuação, Marx também apresenta o caminho para que se efetive a transformação, uma vez que ele mesmo afirma que de nada adianta aos filósofos a interpretação do mundo e sim a sua transformação. Essa mudança na forma de se produzir o conhecimento é o que diferencia Marx de tantos outros filósofos, pois ele dá o passo que faltava para que os problemas reais, concretos fossem resolvidos, já que até então, mesmo os ditos filósofos da esquerda Hegeliana, pautavam suas críticas apenas na questão política e não na estrutura como um todo, o que justamente mantinha as situações de exploração, da propriedade e do Estado burguês que era quem garantia a sobrevivência deste sistema.

Ao desenvolver o método, Marx o faz a partir de situações concretas. Está ligado à luta dos operários, inserido na realidade, faz parte de todo o contexto a qual teorizava. Por isso, traz com segurança e coerência a inversão da forma idealista e metafísica de se definir tanto a sociedade como a produção teórica que até então defendiam os filósofos. Marx inaugura um novo método: um método revolucionário que se efetiva a partir da práxis ou *uma filosofia da transformação*.



Neste sentido, podemos também afirmar que Marx não somente produz conhecimento ou analisa tal produção, o que, em muitos casos, filósofos e pensadores o fazem com maestria e profundidade, porém, com distanciamento, subjetividade e a conhecida pseudoneutralidade.

Marx trata a produção do conhecimento em vista da revolução do proletariado, em busca da emancipação humana, que, em suas próprias palavras se dá com o uso das armas materiais encontradas pela filosofia no proletariado e o uso das armas intelectuais, encontradas pelo proletariado na filosofia.

Com este encontro ocorrerá a emancipação humana efetivada pela práxis revolucionária, que em nossa compreensão, terá contribuições da academia e das pesquisas em políticas educacionais para que concretamente tais produções estejam comprometidas com a práxis e conseqüentemente com a emancipação humana.

Entre as relevantes contribuições do método materialista histórico e dialético às análises das pesquisas educacionais, estão o rigor do método e a sua relação com a práxis. Neste sentido, as análises em políticas educacionais, poderiam se propor a investigar até que ponto estas pesquisas consideram a práxis em seu desenvolvimento, ou ainda, investigar os limites e possibilidades das pesquisas em políticas educacionais, no que tange à práxis e à relevância de tais pesquisas à transformação da sociedade. Estas ações encontram amparo, concretamente, na afirmação de Marx de que o que realmente importa não é a interpretação, mas sim, a transformação da sociedade.

Referências

FRIGOTTO, G. O enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional. In: FAZENDA, I. (Org.). **Metodologia da Pesquisa Educacional**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2004. p. 69-90.

LESSA, S., TONET, I. **Introdução à Filosofia de Marx**. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.



MARTINS, F. M. **Marx, Gramsci e o Conhecimento:** Ruptura ou continuidade? São Paulo: Autores Associados, 2008.

MARX, K. **Miséria da Filosofia:** resposta à filosofia da miséria do Sr. Proudhon. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

MARX, K. ENGELS, F. **A ideologia Alemã.** São Paulo: Expressão Popular, 2009.

MARX, K. ENGELS, F. **Manifesto do Partido Comunista.** São Paulo: Martin Claret; 2002.

MÉSZÁROS, I. **Para além do capital:** Rumo a uma teoria da transição. São Paulo: Boitempo, 2011.

NETTO, J. P. **Introdução ao estudo do método de Marx.** 1 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

MARÇAL. J. (Org.). **Antologia de Textos Filosóficos.** Curitiba: SEED, 2009.

POLITZER, G. **Curso de Filosofia:** princípios fundamentais. 2 ed. Rio de Janeiro : Andes,1957.

VÁZQUEZ, A. S. **Filosofia da Práxis.** Rio de Janeiro: Expressão Popular, 2011.